

A HISTÓRIA TEXTUAL E A PRIMEIRA RECEPÇÃO DE *O PRELÚDIO*, DE WILLIAM WORDSWORTH

ANGIULI COPETTI DE AGUIAR*

RESUMO

A elaboração de *O Prelúdio* acompanhou a maior parte da carreira literária de William Wordsworth. Embora esboçado em sua juventude, o poema só veio a público após a morte do poeta, em 1850. Com sua publicação tardia, porém, a obra romântica não foi bem recebida entre os leitores vitorianos. Apenas no começo do século XX tem início uma reapreciação do poema, que passa ao centro do cânone wordsworthiano. Considerando essas questões, neste artigo buscamos traçar a história da composição do *Prelúdio* e recuperar o quadro de sua primeira recepção e o princípio da virada crítica em sua apreciação.

PALAVRAS-CHAVE: O Prelúdio. William Wordsworth. História textual. Recepção. Romantismo.

1. INTRODUÇÃO

O longo poema autobiográfico do poeta romântico inglês William Wordsworth (1770-1850), *The Prelude or, Growth of a Poet's Mind* (1850), mais comumente conhecido como *The Prelude* (*O Prelúdio*), possui uma singular história de composição. Inicialmente, o poema havia sido idealizado como uma introdução ou prelúdio (daí o nome) a uma obra maior (*The Recluse*, 'O Recluso'), de escopo épico-filosófico, na qual o preâmbulo autobiográfico do *Prelúdio* relataria a vida do poeta a fim de explanar como ele veio a ter as ideias e imagens de que se serve no poema meditativo, o qual, por sua vez, justificaria uma composição tão extensa acerca do próprio

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: angiuliaguiar@gmail.com. Orcid: 0000-0003-4302-5067.

poeta. Mas, como *O Recluso*, ao passar dos anos, tornava-se uma visão cada vez mais distante para Wordsworth (que revertia mais e mais seus esforços à obra autobiográfica), o motivo para a publicação do *Prelúdio* também desaparecia, e Wordsworth não encontrava justificativa para tornar público o poema enquanto fosse vivo. Assim, a obra apenas veio a lume após a morte do autor, quando esse já possuía uma imagem consolidada na esfera pública como um autor de baladas e pequenos poemas líricos sobre a natureza e a vida campestre e doméstica. Desse modo, o longo épico autobiográfico não encontrou gosto entre a maioria dos leitores de sua época; e permaneceu como uma curiosidade anômala entre o cânone wordsworthiano até sofrer uma nova reavaliação pelas gerações futuras e passar a ser visto como o centro e maior realização da obra de Wordsworth.

No meio tempo, entre idealização e publicação, *O Prelúdio* passou por diversas mudanças de propósito, escopo e importância para o poeta, bem como inúmeras revisões e editorações, a ponto de haver, efetivamente, três versões da obra: uma preliminar, em dois cantos, de 1799; uma primeira versão integral, de 1805, em treze cantos; e a versão final de 1850, em catorze. Assim, tendo em vista a complexidade da história do *Prelúdio*, desejamos, com este artigo, tecer o quadro de sua composição e publicação para os leitores e estudantes do poema e do poeta.

2. A COMPOSIÇÃO DO *PRELÚDIO*

O Prelúdio possui tantas origens quanto versões. De fato, como afirmam J. Wordsworth, M. H. Abrams e S. Gill, editores da *Norton Critical Edition*¹ do poema: “*No literary masterpiece has a more complicated textual history than The Prelude*” (WORDSWORTH, 1979, p. ix). Embora a publicação da obra seja de 1850, poucas semanas após a morte de William Wordsworth, a história de sua composição remonta aos princípios

¹ “Edição Crítica Norton”.

² “Nenhuma obra prima literária possui uma história textual mais complicada do que *O Prelúdio*” (Todas as traduções em rodapé, onde não indicado de outra forma, são de nossa autoria).

da carreira literária do poeta, ao período de 1798 ou mesmo 1797. No ínterim, a obra não deixou de sofrer constantes reformulações de escopo e propósito, bem como de estilo e caráter. No seguinte excerto, Wordsworth resume sua história no prefácio de *The Excursion*, em 1814, onde ocorre a primeira menção pública ao poema:

Several years ago, when the Author retired to his native Mountains, with the hope of being enabled to construct a literary Work that might live, it was a reasonable thing that he should take a review of his own Mind, and examine how far Nature and Education had qualified him for such employment. As subsidiary to this preparation, he undertook to record, in Verse, the origin and progress of his own powers, as far as he was acquainted with them. That Work, addressed to a dear Friend, most distinguished for his knowledge and genius, and to whom the Author's Intellect is deeply indebted, has been long finished; and the result of the investigation which gave rise to it was a determination to compose a philosophical Poem, containing views of Man, Nature, and Society; and to be entitled, The Recluse; as having for its principal subject the sensations and opinions of a Poet living in retirement.—The preparatory Poem is biographical, and conducts the history of the Author's mind to the point when he was emboldened to hope that his faculties were sufficiently matured for entering upon the arduous labour which he had proposed to himself; and the two Works have the same kind of relation to each other, if he may so express himself, as the Anti-chapel [sic] has to the body of a gothic Church³. (WORDSWORTH, 2006, p. 894-895)

³ “Muitos anos atrás, quando o Autor se retirou para suas Montanhas nativas, com a esperança de se capacitar para construir uma Obra literária que perdure, era compreensível que devesse revistar sua própria Mente e examinar quanto a Natureza e Educação haviam-no qualificado para essa empresa. Como auxílio ao seu preparo, pôs-se a registrar, em Verso, a origem e progresso de seus próprios poderes, o quanto estava familiarizado com eles. Aquela Obra, endereçada a um Amigo querido, distinto por seu conhecimento e gênio, e a quem o Intelecto do Autor está profundamente endividado, já está concluída há tempos; e o resultado da investigação que deu origem a ela foi uma determinação de compor um Poema filosófico, contendo visões sobre o Homem, a Natureza e a Sociedade; e a ser intitulado, *O Recluso*; tendo por seu principal tema as sensações e opiniões de um Poeta vivendo em reclusão. – O poema preparatório é biográfico e conduz a história do espírito do Autor até o ponto em que ele se sentiu encorajado a crer que suas faculdades estavam suficientemente maduras para adentrar no árduo labor que ele havia proposto pra si mesmo; e as duas Obras têm o mesmo tipo de relação uma para com a outra como, por assim dizer, a Antecapela tem para com o corpo de uma Igreja gótica.”

O “*preparatory Poem*” em questão é aquele que veio a ser publicado sob o título de *The Prelude*; e o qual, como o autor explicita, deveria servir de introdução a um outro poema, a ser chamado de *The Recluse*, uma obra filosófica em versos acerca do ‘Homem, da Natureza e da Sociedade’, do qual *The Excursion* faria parte. Segundo o prefácio à primeira edição do *Prelúdio*, *The Recluse* teria consistido em três partes mais a introdução biográfica: dessas, apenas a segunda foi completada, *The Excursion*, restando da primeira apenas o primeiro livro, com o título de ‘*Home at Grasmere*’⁴, publicado em 1888 (uma versão preliminar aparece junto ao prefácio de *The Excursion* como um ‘*Prospectus*’⁵ a *The Recluse*), enquanto que a terceira permaneceu apenas em forma embrionária (o material desenvolvido sendo absorvido por composições subsequentes).

O poema introdutório, como escreve o autor, já havia sido há muito terminado (desde 1805, de quando data a primeira versão, em treze livros, da obra), mas aguardaria ainda meio século (e a morte do poeta) para vir à luz. A razão disso dá-nos Wordsworth juntamente com a primeira referência que faz à obra, em uma carta ao escritor Thomas De Quincey de 6 de março de 1804: “*I am now writing a poem on own my earlier life [...]. This Poem will not be published these many years, and never during my lifetime, till I have finished a larger and more important work to which it is tributary*”⁶ (WORDSWORTH apud GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 39). Alguns meses mais tarde, em uma carta a Richard Sharp, de 29 de abril de 1804, Wordsworth evoca a mesma determinação:

I am at present in the 7th book of this work, which will turn out far longer than I ever dreamt of; it seems a frightful deal to say about one’s self; and, of course, will never be published (during my lifetime, I mean) till

⁴ “Lar em Grasmere” ou “Em casa em Grasmere”.

⁵ “Prospecto”.

⁶ “Estou escrevendo agora um poema sobre os primeiros anos da minha própria vida [...]. Esse Poema não será publicado nos próximos anos, e nunca durante minha vida, até que eu tenha completado uma obra maior e mais importante, à qual ele é tributário”.

*another work has been written and published, of sufficient importance to justify me in giving my own history to the world*⁷. (WORDSWORTH apud GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 40)

A ‘outra obra’ (*The Recluse*) nunca foi concluída e, conseqüentemente, a publicação do poema biográfico foi postergada indefinidamente. Se a confissão autobiográfica, como primeiro concebida, deveria servir de testemunho ao poder da natureza em educar a sensibilidade poética do autor até o ponto de elaborar uma obra importante o suficiente para merecer tal preâmbulo, a falta dessa obra mina, para Wordsworth, o propósito da existência de um poema que discursasse tanto acerca de si próprio.

O *Prelúdio* foi concebido e escrito para e por causa de *The Recluse*, mas pouco a pouco usurpou para Wordsworth (mas nunca para Coleridge) a preeminência do projeto original. A primeira menção que conhecemos do projeto vem de uma carta de 6 de março de 1798:

*I have written 1300 lines of a poem in which I contrive to convey most of the knowledge of which I am possessed. My objective is to give pictures of Nature, Man and Society. Indeed I know not any thing which will not come within the scope of my plan*⁸. (WORDSWORTH apud GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 37)

Seu plano, com promessas de um escopo tão vasto e inclusivo, pareceria a um autor cauteloso e comedido fadado a fracassar, ou, ao menos, a sobrecarregar seu autor a ponto de debilitar sua execução. De fato, assim se sucedeu com *The Recluse*.

⁷ “Estou, no momento, no 7º livro dessa obra, a qual será muito mais extensa do que jamais sonhei que seria; parece algo espantoso falar sobre si mesmo; e, claro, nunca será publicada (durante minha vida, digo) até que outra obra tenha sido escrita e publicada, de importância suficiente para justificar-me entregar minha própria história ao mundo”.

⁸ “Eu escrevi 1300 versos de um poema no qual busco transmitir a maior parte do conhecimento que possuo. Meu objetivo é oferecer imagens da Natureza, Homem e Sociedade. De fato, não sei de nada que não será abarcado pelo escopo do meu plano”.

O projeto foi primeiro idealizado na época em que Coleridge e Wordsworth elaboravam o conceito das *Lyrical Ballads*, em 1798, o seminal volume de poemas que daria início ao movimento literário do Romantismo na Inglaterra. Desde o verão anterior, em 1797, ambos os poetas, vivendo em Somerset, já mantinham uma íntima e profícua amizade e relação literária. Possivelmente, a concepção do projeto tenha derivado de Coleridge, como atesta sua admiração pelo amigo, o qual, muito antes do poeta publicar seus melhores poemas, já o considerava “*the Giant Wordsworth*”⁹, “*the best poet of the age*”¹⁰, destinado a escrever uma obra “*to benefit mankind*”¹¹ (COLERIDGE apud ROBINSON, 2014, p. 21). Ao menos, porém, a paixão por trás da obra era primariamente da parte de Coleridge. Em uma carta a Wordsworth de 12 de outubro de 1799, escreve o poeta: “*I long to see what you have been doing. O let it be the tail-piece of ‘The Recluse’! for of nothing but ‘The Recluse’ can I hear patiently*”¹² (COLERIDGE apud GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 38). Em outro momento, Coleridge se refere ao *Recluse* como “*A Great Work, in which he [Wordsworth] will sail; on an open Ocean, & a steady wind*” (WORDSWORTH apud GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 38). Mesmo em 1804, com a obra ainda não mais do que uma promessa, Coleridge já vê Wordsworth como

a poet, a most original poet. He no more resembles Milton than Milton resembles Shakespeare – no more resembles Shakespeare than Shakespeare resembles Milton. He is himself and, I dare affirm that, he will hereafter be admitted as the first and greatest philosophical poet, the only man who has effected a complete and constant synthesis of thought and feeling and combined them with poetic forms, with the music of pleasurable passion, and

⁹ “O Gigante Wordsworth”.

¹⁰ “O melhor poeta da era”.

¹¹ “Para beneficiar a humanidade”.

¹² “Eu anseio por ver o que você tem feito. Ó, que seja o arremate de ‘O Recluso’!, pois de nada que não seja ‘O Recluso’ posso ouvir com paciência”.

with Imagination [...]]; and I prophesy immortality to his 'Recluse', as the first and finest philosophical poem¹³ (WORDSWORTH apud GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 38-39).

Não com surpresa, portanto, encontramos Wordsworth constantemente evadindo a escritura de uma obra tão monumental e tão antecipada por seu amigo, a quem o poeta devotava igual apreço e, como atestam seus endereçamentos a Coleridge, no *Prelúdio*, o desejo de provar-se à altura da imagem que o amigo fazia dele.

Na origem do entusiasmo de Coleridge encontra-se o poema de Wordsworth, *'The Ruined Cottage'*¹⁴, o qual viria a compor o primeiro livro de *The Excursion* e no qual já se encontram passagens e vozes que darão o tom para *O Prelúdio*. Primeiramente completado no verão de 1797, *'The Ruined Cottage'* narra a tragédia de uma família desafortunada em tempos de guerra e escassez econômica, estabelecendo um paralelo entre o declínio da família e a progressiva ruína de sua habitação. A testemunha e narrador dos eventos é um mascate (*pedlar*) de peculiar inclinação filosófica, servindo, de certa forma, como uma persona do poeta. Insatisfeito com o poema, Wordsworth pôs-se a revisá-lo no ano seguinte, expandindo a participação do mascate, dando a ele a história de sua infância, na região de Cumberland (onde o próprio poeta crescera), e relatando a formação e crescimento de sua imaginação no intercâmbio com a natureza, auxiliado não menos, como Wordsworth descreve sua formação no *Prelúdio*, pela leitura de Milton e pelo estudo de geometria. Precisamente na personagem do mascate e nas revisões de 1798 do poema, Wordsworth lança o germe do que virá a se tornar *O Prelúdio*. Nessa versão ("Manuscrito B"),

¹³ "Um poeta, um poeta verdadeiramente original. Ele não mais se assemelha a Milton do que Milton se assemelha a Shakespeare – não mais se assemelha a Shakespeare do que Shakespeare se assemelha a Milton. Ele é ele próprio e, ousou afirmar, ele será doravante aceito como o primeiro e maior poeta filosófico, o único homem que realizou uma completa e constante síntese de pensamento e sentimento e combinou-os com formas poéticas, com música de paixão aprazível, e com imaginação [...]; e profetizou imortalidade ao seu 'Recluso', como o primeiro e melhor poema filosófico."

¹⁴ "A Cabana Arruinada".

encontramos uma extensa passagem descrevendo o caráter e a formação da imaginação do mascate (WORDSWORTH, 2010b, p. 151), a qual, com poucas modificações, será readaptada para descrever a formação do espírito do próprio poeta no terceiro livro do *Prelúdio* (WORDSWORTH, 1979, l. III, vv. 130-169).

A primeira versão desses versos foi escrita entre fevereiro e março de 1798. Em meados de julho do mesmo ano, Wordsworth visita o vale de Wye (onde estivera em outra ocasião) e desse passeio compõe ‘*Tintern Abbey*’¹⁵, um poema autobiográfico preocupado com as reminiscências e as reflexões em que retraza a formação de seu espírito e suas experiências determinantes em meio à natureza e à metrópole. Tais fatos acabaram culminando em uma compreensão mais penetrante do significado de sua relação com a natureza e de seu papel fulcral na educação de sua sensibilidade poética e moral. Segundo o crítico M. H. Abrams, o *Prelúdio* é uma expansão em escopo épico de ‘*Tintern Abbey*’, ambos adotando a forma poética que ele nomeia de ‘*greater Romantic lyric*’¹⁶, a qual tem sua origem na poesia conversacional de Coleridge. Nas duas instâncias, o texto

*begins with the description of a landscape visited in maturity, evokes the entire life of the poet as protracted meditation on things past, and presents the growth of the poet’s mind as an interaction with the natural milieu by which it is fostered, from which it is tragically alienated, and to which in the resolution it is restored, with a difference attributable to the intervening experiences; the poem ends at the time of its beginning*¹⁷. (ABRAMS, 1965, p. 530)

¹⁵ “Abadia de Tintern”.

¹⁶ “Lírica romântica maior”.

¹⁷ “Começa com a descrição de uma paisagem visitada na idade adulta, evoca a vida inteira do poeta como meditação protraída sobre coisas passadas e apresenta o desenvolvimento da mente do poeta como uma interação entre o ambiente natural pelo qual foi nutrido, do qual é tragicamente alienado, e ao qual, na resolução, é restaurado, com uma diferença atribuível às experiências intervenientes; o poema termina no momento de seu começo”.

Em ‘*The Ruined Cottage*’ e ‘*Tintern Abbey*’, em seus temas e forma e, especialmente, na qualidade do verso branco que Wordsworth emprega nas duas ocasiões, encontram-se as sementes do *Prelúdio* que irão maturar nos anos subsequentes. É no inverno de 1798, entretanto, que o poema começa a tomar forma própria. Em fins de outubro, Wordsworth achava-se junto com sua irmã, Dorothy, na cidade de Goslar, na Alemanha, para onde haviam viajado a fim de estudar alemão; enquanto Coleridge, junto com seu discípulo Chester, com quem os Wordsworths chegaram ao país, dirigiu-se para a região norte, dispendo de patrocínio e maior conhecimento da língua, para estudar filosofia. Isolados linguisticamente, sem recursos financeiros e com poucos livros ao seu dispor, Wordsworth teve de recorrer à escrita como uma forma para lidar com sua situação e voltou-se às memórias de sua infância como matéria poética. Assim, no caderno que dividia com sua irmã, repartido entre crônicas da viagem, anotações sobre a língua alemã e rascunhos poéticos, Wordsworth, vendo-se com dificuldades para dar continuidade ao *Recluse*, redigiu os versos introdutórios de sua autobiografia:

*Was it for this
That one, the fairest of all rivers loved
To blend his murmurs with my nurse’s song
And from his alder shades and rocky falls
And from his fords and shallows sent a voice
To intertwine my dreams...¹⁸*
(WORDSWORTH apud ROBINSON, 2014, p. 36)

O ‘*this*’ em questão refere-se à situação em que se encontrava o poeta, sentindo-se destituído de seus poderes poéticos e incapaz de elevar-se à altura da tarefa que lhe incumbira Coleridge. Como escreve em uma carta de 1805, “*I began the work because I was unprepared to treat any*

¹⁸ “Foi por isso / Que um, o mais belo dos rios, amava / Mesclar seus murmúrios com a canção de minha ama / E de suas sombras de amieiros e cascatas rochosas, / E de seus vaus e baixios enviava uma voz / Para entrelaçar meus sonhos...”

*more arduous subject, and diffident of my own powers*¹⁹ (WORDSWORTH apud GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 41). Nas expansões e revisões subsequentes das versões de 1805 e 1850, Wordsworth precede ainda essa passagem com um longo preâmbulo, no qual (por razões retóricas, mas não sem referência à realidade) o poeta concebe o projeto de escrever uma obra épica, “*a literary Work that might live*²⁰” (como diz no prefácio ao *Excursion*), elegendo e rejeitando diversos temas, para finalmente achar-se em dúvida quanto a sua própria capacidade como poeta:

[...] *for either still I find
Some imperfection in the chosen theme,
Or see of absolute accomplishment
Much wanting, so much wanting, in myself,
That I recoil and droop, and seek repose
In listlessness from vain perplexity,
Unprofitably travelling toward the grave,
Like a false steward who hath much received
And renders nothing back*²¹.

(WORDSWORTH, 2006, l. I, vv. 261-268)

Muito ganhou Wordsworth da Natureza na formação de sua imaginação e sensibilidade. Porém, muito ganhou, podemos também ler, de louvor e encorajamento por parte de Coleridge, enquanto nada pode devolver que retribuísse a confiança depositada sobre ele pela Natureza e pelo amigo. É com tal nota que tem origem o *Prelúdio*, como busca pessoal nas memórias de uma vida pelos sinais que confirmem a fé do poeta e

¹⁹ “Eu comecei a obra porque estava despreparado para tratar de algum tema mais árduo, e hesitante quanto aos meus próprios poderes”.

²⁰ “Uma Obra literária que possa perdurar”.

²¹ “[...] quer surpreenda / Alguma imperfeição no tema escolhido, / Que me aperceba de que, para a realização de uma obra, / Aquilo que me falta é tanto, tanto! / - Recuo desanimado e procuro repousar / Na indiferença desta vã perplexidade, / Dirigindo-me inutilmente para o túmulo, / Como um criado desonesto / Que recebeu muito / E nada há-de retribuir.” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

seu amigo (a quem o poema é dedicado e endereçado) na vocação de Wordsworth como “*a dedicated Spirit*”²² (WORDSWORTH, 2006, l. IV, v. 337), destinado à imortalidade literária.

No verão seguinte, em 1799, os Wordsworths retornam à Inglaterra e se estabelecem em Grasmere, no distrito dos Lagos. Durante o outono e o inverno de 1799-1800, Wordsworth debruça-se sobre o poema começado em Goslar e completa sua primeira versão, em duas partes (referido pela crítica como ‘*the two-part Prelude*’, ‘o Prelúdio em duas partes’), contendo 978 versos, nos quais o poeta descreve o desenvolvimento de sua mente no período da infância e escolaridade (o que nas versões seguintes corresponde, na maior parte, aos livros I e II). Essa versão foi publicada pela primeira vez em 1974, por Jonathan Wordsworth e Stephen Gill, em *The Norton Anthology of English Literature*²³ (terceira edição).

O ‘poema para Coleridge’ (como então era conhecido o *Prelúdio*) permaneceu como foi deixado por dois anos, não tendo planos de publicação senão como parte do *Recluse*. Porém, nos anos seguintes, algumas espúrias referências podem ser encontradas (nos diários de Dorothy) aludindo ao trabalho de Wordsworth em um terceiro livro de seu poema. Em 1804 encontramos referências a um novo plano de Wordsworth para a obra, como descrito em uma carta a Francis Wrangham: “*At present I am engaged in a Poem on my own earlier life, which will take five parts or books to complete, three of which are nearly finished*”²⁴ (WORDSWORTH, 1979, p. 530); e, na já referida carta a De Quincey, o poeta diz que

I am now writing a poem on my own earlier life; and have just finished that part in which I speak of my residence at the University [...]. That [poem]

²² “Um Espírito consagrado” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

²³ “A Antologia Norton de Literatura Inglesa”.

²⁴ “No momento, estou engajado com um Poema sobre os primeiros anos da minha própria vida, o qual precisará de cinco partes para ser completado, três das quais estão quase terminadas”.

*on my life [...] is better [than] half complete, viz., 4 books, amounting to about 2500 lines*²⁵. (WORDSWORTH, 1979, p. 531)

Nesse momento, Wordsworth parece ter em mente um poema em oito livros, o qual deveria constituir uma segunda versão do *Prelúdio*. No entanto, Wordsworth logo reformula seu projeto novamente e, até 1805, completa a segunda versão do *Prelúdio* (ou a primeira, propriamente dita), em treze partes (publicada pela primeira vez em 1926, por Ernest de Selincourt). Na versão de 1805, Wordsworth move as seções dos ‘*spots of time*²⁶’ para os livros V e XII e expande o poema para incluir suas experiências em Cambridge, na França durante a revolução, sua estada em Londres, seu abatimento de espírito e recuperação, concluindo, ainda como na versão anterior, com a epifania final na subida do Monte Snowdon.

Em 1805, o *Prelúdio* havia crescido em importância aos olhos de Wordsworth. “*This work*”, escreve em carta a George Beaumont, onde anuncia a conclusão da obra, “*may be considered as a sort of portico to The Recluse, part of the same building*²⁷” (WORDSWORTH apud GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 42). Já no prefácio de *The Excursion*, o poema tornara-se uma “*ante-chapel [sic]*” para a catedral que deveria ser a obra maior. Porém, ao mesmo tempo, a obra à qual Wordsworth, em 1804, ainda intenciona “*to devote the prime of my life, and the chief force of my mind*²⁸” (WORDSWORTH apud GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 42), torna-se,

²⁵ “Estou agora escrevendo um poema sobre os primeiros anos da minha própria vida; e acabei de completar aquela parte na qual conto de minha estadia na Universidade [...]. Aquele [poema] sobre minha vida [...] está já mais da metade completo, viz. 4 livros, somando por volta de 2500 versos”.

²⁶ Termo utilizado pela crítica para se referir aos momentos-chave na rememoração de Wordsworth; de difícil tradução, pode ser entendido como “lugares do/no tempo” ou “marcas/manchas do/no tempo”.

²⁷ “Esta obra pode ser considerada como uma espécie de pórtico a *O Recluso*, parte do mesmo edifício”.

²⁸ “Devotar a melhor parte da minha vida, e o sumo vigor do meu espírito”.

como acompanhamos em sua correspondência, um projeto cada vez mais inatingível: “*the day*”, escreve em 1806, “*when my long work will be finished seems farther and farther off*”²⁹ (WORDSWORTH apud GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 45). Ao longo dos anos subsequentes, Wordsworth atenta ainda algumas investidas em direção ao *Recluse*, dentre as quais a publicação de *The Excursion* (concluído em 1806 ou 1809), a segunda parte do projeto, em 1815, o qual encontra uma crítica mista (para John Keats, por um lado, é uma das “*three things to rejoice at in this Age*”³⁰ [KEATS, 2002, p. 70], para Coleridge, por outro, é um “*disappointment*”³¹ [COLERIDGE apud GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 47]). A última menção que encontramos ao *Recluse* vem de uma carta do poeta Aubrey de Vere a sua irmã, de 1841, na qual diz que “*Wordsworth says that the ‘Recluse’ has never been written except a few passages – and probably never will...*”³² (DE VERE apud GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 51).

Por sua vez, o *Prelúdio* sofreu sucessivas revisões e reescrituras até o ano de 1839, quando data a última versão corrigida e aquela que foi entregue na edição de 1850. As maiores diferenças entre a versão de 1850 e a de 1805 consistem na divisão do ‘Livro X’ em duas partes, aumentado o total de livros para catorze (contra os treze da versão anterior), e a remoção do episódio de “*Vaudracour and Julia*”³³, uma pequena narrativa romântica ambientada durante a Revolução Francesa (mais tarde publicada separadamente, em 1820), que veladamente reconta a história de Wordsworth e Anette Vallon. À parte dessas editorações, outras intervenções no texto acusam, segundo a crítica, uma mudança de posicionamento político e ideológico da parte de Wordsworth. Tais modificações são a causa da disputa acerca de qual

²⁹ “O dia quando meu longo labor estará concluído parece cada vez mais distante”.

³⁰ “Três coisas que são motivo de alegria nesta Era”.

³¹ “Decepção”.

³² “Wordsworth diz que o ‘Recluso’ nunca foi escrito, exceto por algumas passagens – e provavelmente nunca será...”.

³³ “Vaudracour e Julia”.

versão possui mais mérito literário e qual reflete mais acuradamente o espírito poético do seu autor. Muito do aparente panteísmo de Wordsworth, sua fé na autossuficiência da Natureza, é substituído, na versão de 1850, por uma religiosidade mais alinhada ao cristianismo ortodoxo; do mesmo modo, as declarações mais radicais do autor acerca do papel da Inglaterra durante a Revolução Francesa são amenizadas na versão final, demonstrando, assim, uma inclinação de Wordsworth para um posicionamento conservador. Além disso, em muitas partes, a linguagem e o estilo foram polidos e formalizados, o que, segundo parte da crítica moderna, sacrificou muito a espontaneidade e a verve do texto original.

3. A PRIMEIRA RECEPÇÃO

As primeiras críticas do *Prelúdio* de que temos conhecimento são referentes ao manuscrito de 1805. Durante duas semanas, no começo de janeiro de 1807, Wordsworth leu seu “Poema a Coleridge” para o próprio. Em resposta, expressando seu entusiasmo pelo que ouviu, Coleridge escreve o poema “*To William Wordsworth: lines composed, for the greater part on the night, on which he finished the recitation of his poem (in thirteen books) concerning the growth and history of his own mind*”³⁴. Com o fervor de um amigo, mas não menos sincero, e retórica inflamada, Coleridge louva as qualidades do poema de Wordsworth e o efeito quase extático que a leitura teve sobre si. A respeito do tema, “*the Foundations and the Building-up / Of thy own Spirit*”³⁵ (COLERIDGE apud WORDSWORTH, 1979, p. 542), o poeta sublinha sua originalidade e a maestria do amigo em tratá-lo: “*high theme by Thee first sung aright*”³⁶; “*Theme as hard as*

³⁴ “A William Wordsworth: versos compostos durante a maior parte da noite em que ele terminou a recitação de seu poema (em treze livros) acerca do desenvolvimento e história de sua própria mente.

³⁵ “As Fundações e a Edificação / De teu próprio Espírito”.

³⁶ “Elevado tema por Ti primeiro cantado corretamente”.

*high!*³⁷ (COLERIDGE apud WORDSWORTH, 1979, p. 542). Quanto à forma, a dicção prosaica é ressaltada: “*An Orphic Tale indeed, / A Tale divine of high and passionate Thoughts / To their own music chaunted*³⁸; “*Of Truth profound a sweet continuous Song / Not learnt, but native, her own natural notes!*³⁹” (COLERIDGE apud WORDSWORTH, 1979, p. 543). A segunda crítica do manuscrito vem de Thomas De Quincey, que cita “*a great philosophic poem of Wordsworth’s, which is still in MS*⁴⁰” (DE QUINCEY apud WORDSWORTH, 1979, p. 545) em um ensaio em três partes sobre Wordsworth, publicado no *Tait’s Edinburgh Magazine*, em 1839. No ensaio, De Quincey menciona alguns trechos do manuscrito (que lera em algum momento entre 1809-1815, enquanto era vizinho de Wordsworth), os jogos de infância, o episódio de patinação no gelo e a recitação de versos com um amigo enquanto caminhavam (livros I, II e III). Mas a opinião de De Quincey é particularmente especial ao referir-se a uma passagem favorita sua, o sonho do cavaleiro árabe (livro V), a qual, segundo o ensaísta, “*reaches the very ne plus ultra of sublimity*⁴¹” (DE QUINCEY apud WORDSWORTH, 1979, p. 546). A apreciação pelo sublime em Wordsworth, entretanto, não é partilhada pelos críticos posteriores, e permanece um *insight* sobre sua obra que só será redescoberto no século XX. Como consequência, é somente então que o *Prelude* passa a ser percebido como parte central da obra de Wordsworth.

Após De Quincey, encontramos as críticas referentes à primeira edição de 1850. Embora épico romântico por excelência e escrito durante a infância do movimento, foi com a geração vitoriana que *O Prelúdio* encontrou seu primeiro público. “*An age*”, escreve Richard Gravil,

³⁷ “Tema tão árduo quanto elevado!”.

³⁸ “Um Conto Órfico de fato, / Um Conto divino de Pensamentos elevados e ardentes / Ao ritmo de sua própria música cantado”.

³⁹ “Sobra a Verdade profunda, uma doce Canção contínua, / Não aprendidas, mas nativas, suas próprias notas naturais”.

⁴⁰ “Um grande poema filosófico de Wordsworth, o qual ainda se encontra em manuscrito”.

⁴¹ “Atinge a verdadeira perfeição da sublimidade”.

“nourished on the scarlet and azure of Byron and Shelley, the gorgeous Pre-Raphaelites, the crimson agonies and purple doubts of poets from Beddoes to Tennyson⁴²” (GRAVIL apud GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 14-15), uma era a qual, portanto, “was not propitious for The Prelude’s visionary dreaminess⁴³” (GRAVIL apud GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 15). De fato, a crítica não se absteve de comparações. Para o autor do artigo na *Eclectic Review*, o *Prelúdio* é uma espécie de *Sartor Resartus* (romance autobiográfico de Thomas Carlyle); para a *Tait’s Edinburgh Magazine*, Wordsworth não possui um tato tão apurado no tratamento de temas simples como Addison e Cowper, nem é capaz de representar a natureza sublime com a mesma energia de Byron; para a *Gentleman’s Magazine*, a poesia de Shelley é como uma fornalha vociferante que devora as instituições e opiniões passadas, enquanto a de Wordsworth, em seu ânimo mais entusiasmado, é apenas o reflexo de uma chama. Para o *British Quarterly Review*, o *Prelúdio* deveria ter sido mais como a autobiografia de Goethe, *Dichtung und Wahrheit*, com menos poesia, mais fatos biográficos e, por fim, ter sido escrito em prosa; segundo a *Dublin University Magazine*, não possui a obra a leveza e o ocasional humor como o verso branco de Cowper (seu precedente no estilo); ainda, comparado à produção do próprio autor, para a *Graham’s Magazine*, o *Prelúdio* não poderia ser posto ao lado de outros poemas como ‘*The White Doe*⁴⁴’ ou ‘*The Excursion*’.

Em geral, no entanto, as críticas recebidas pelo poema foram positivas, com os mais entusiastas louvando suas melhores passagens como parte da melhor poesia já produzida por Wordsworth, enquanto outros contentam-se em declará-lo, apesar de todos os defeitos, digno de interesse. O *Eclectic* tem uma apreciação positiva, partindo da proposição de que o *Prelude* é “the first regular versified autobiography we remember in

⁴² “Uma era nutrida pelo escarlate e cerúleo de Byron e Shelley, os belos Pré-Rafaelitas, as agônias carmesins e dúvidas púrpuras de poetas desde Beddoes até Tennyson”.

⁴³ “Não era propícia à melancolia visionária d’O *Prelúdio*”.

⁴⁴ “A Corça Branca”.

our language⁴⁵” (ANÔNIMO apud WORDSWORTH, 1979, p. 548), ou mais precisamente, “a record of ‘moods of his own mind’⁴⁶” (p. 549), pois, para o crítico, Wordsworth não está interessado em contar uma “artful and amusing story⁴⁷” (p. 549), mas em traçar o desenvolvimento da mente de um poeta, tendo o poema, portanto, um propósito mais metafísico que biográfico. Concessão é feita aos detratores do poeta, que o acusam de introversão, monotonia e de exigir do leitor uma simpatia prévia para que possa penetrar na leitura, mas essas são limitações justas e caracterizam o que há de particular em Wordsworth. Em geral, contemplando o *Prelúdio*, o crítico sente que “all our formerly-expressed notions of his poetry are confirmed⁴⁸” (p. 550): seu movimento vagaroso, a forma laboriosa com que trata coisas pequenas, a profundidade de pensamento, a simpatia com o humano em suas formas mais prosaicas etc. A avaliação termina com um louvor àquela qualidade mais wordsworthiana de todas, encontrada certamente no novo volume, sua capacidade de “extract poetry from anything in the heaven above, the earth below, or the waters under the earth⁴⁹” (p. 550).

A avaliação do *Tait*, pelo contrário, é decididamente negativa. Evocando a comparação de Wordsworth de sua obra com uma catedral gótica, o crítico do *Tait* não vacila em declarar sua preferência, confirmada pela leitura do *Prelude*, pelos “little cells and oratories⁵⁰” (apud WORDSWORTH, 1979, p. 551), os poemas curtos, líricos do poeta. Para ele, o *Prelude* “is not, nor pretends to be, a tale of stirring interest⁵¹” (p. 551), faltando a ele arte poética o suficiente para manter a atenção contínua do

⁴⁵ “A primeira sistemática autobiografia versificada de que nos recordamos em nossa língua”.

⁴⁶ “Um registro de ‘seus próprios estados de espírito’”.

⁴⁷ “Estória engenhosa e fascinante”.

⁴⁸ “Todas as nossas noções previamente expressas acerca de sua poesia são confirmadas”.

⁴⁹ “Extrair poesia de qualquer coisa no céu acima, na terra abaixo ou nas águas sob a terra”.

⁵⁰ “Pequenos claustros e oratórios”.

⁵¹ “Não é, nem finge ser, uma estória de interesse vívido”.

leitor. Wordsworth é prolixo, desleixado e muitas vezes seu tratamento de temas simples torna-se quase trivial. Nem há no poema, para o crítico, uma apresentação das dimensões mais sublimes da natureza, apenas uma natureza “*in her milder moods*”⁵² (p. 551); a textura de sua composição é “*eminently artless*”⁵³ e falta-lhe, em geral, vigor poético. A única virtude do poema, não apontada sem condescendência, é a de servir como remédio para os sofrimentos da vida cotidiana, quando “*Wordsworth’s gentle pages*”⁵⁴ podem lançar “*a soothing influence upon the troubled spirit*”⁵⁵ (p. 552).

Para o *Gentleman*, o novo volume é “*at least equal to the best of Wordsworth’s earlier published works*”⁵⁶ (apud WORDSWORTH, 1979 p. 552), até mesmo superior a eles, exceto à sua mais excelente produção. Como em sua obra como um todo, tem os defeitos característicos de lassidão nas frases, falta de precisão formal e de simpatia para com os homens (o característico ‘egoísmo’ wordsworthiano). Em geral, “*His lyric emotion is brief; his speculative contemplation is infinite; he evinces awakened curiosity rather than spiritual fellowship*”⁵⁷ (p. 552), mas é ainda uma obra magistral, rica em interesse histórico e psicológico (o crítico acentua os efeitos da Revolução Francesa sobre o espírito e a escrita de Wordsworth).

A recepção mista e, em geral, morna encontrada pelo *Prelúdio* tem sua razão de ser nas mudanças de gosto literário da época vitoriana e na cristalização de uma imagem unidimensional de Wordsworth, fatores que impediram a pronta assimilação da nova obra ao seu cânone. “The Prelude”, como escreve Richard Gravil:

was given, posthumously, to an age which knew its Wordsworth all too well, and which assessed the poem according to criteria divided from the

⁵² “Em seus ânimos mais amenos”.

⁵³ “Eminentemente inartística”.

⁵⁴ “As gentis páginas de Wordsworth” (tradução nossa).

⁵⁵ “Uma influência tranquilizante sobre o espírito perturbado” (tradução nossa).

⁵⁶ “Ao menos igual ao melhor das obras de Wordsworth previamente publicadas”.

⁵⁷ “Sua emoção lírica é breve; sua contemplação especulativa é infinita; ele mostra uma viva curiosidade em vez de um companheirismo espiritual”.

*poem by fifty years – in which the English had come to like their philosophy utilitarian and practical, their poetry ardent and lyrical*⁵⁸. (GRAVIL apud GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 11)

Desse modo, a obra póstuma, por si própria, surgia esteticamente atrasada, como uma curiosidade quase arqueológica (o *Ecletic* diz dele: “*It seems a large fossil relic – imperfect and magnificent – newly dug up, and with the fresh earth and the old dim subsoils meeting and mingling around it*”⁵⁹ [ANÔNIMO apud WORDSWORTH, 1979, p. 548]); por outro lado, aparecia em contraste com o fundo bem estabelecido da imagem e legado literário de Wordsworth. Ao morrer, Wordsworth era há já sete anos o poeta laureado da Inglaterra, e sua obra, com a ascensão do conservadorismo vitoriano, juntamente com o direcionamento mais ortodoxo que sua poesia tomou na segunda metade de sua carreira, era então consumida e reavaliada através de um prisma conservador e claramente cristão. O que era admirado como particularmente wordsworthiano caracterizava-se, segundo Helen Wheeler, como “*a simple, direct appreciation of nature and reverence for the affections and duties of family life*”⁶⁰ (WHEELER, 1988, p. 76). O aparecimento do *Prelúdio*, como Stephen Gill (1991) argumenta, provou-se um choque para essa imagem cristalizada de Wordsworth. Seus livros introdutórios, tratando da natureza e da infância, naturalmente encontravam lugar junto aos poemas preferidos de seu público. Já, por outro lado, o apoio aos ideais revolucionários franceses e o ataque às ações britânicas durante a revolução de 1789 compunham uma imagem diferente do poeta, o que, embora não fosse desconcertante para todos os

⁵⁸ “Foi entregue, postumamente, a uma era que conhecia seu Wordsworth bem demais, e a qual avaliou o poema segundo critérios distanciados do poema por cinquenta anos – durante os quais os ingleses passaram a preferir sua filosofia utilitária e prática, sua poesia ardente e lírica”.

⁵⁹ “Parece uma grande relíquia fóssil – imperfeita e magnífica – recentemente desenterrada e com a terra fresca e com os velhos e escuros solos se encontrando e se mesclando à sua volta”.

⁶⁰ “Uma simples e direta apreciação da natureza e reverência por sentimentos e deveres da vida familiar”.

leitores de Wordsworth, ainda assim tornava a obra datada como resquício de uma outra era.

Outro fator que, segundo Gill, serviu para retardar a sedimentação do *Prelúdio* em seu lugar canônico como hoje o percebemos reside no fato de que a geração de escritores influenciados por Wordsworth (tais como Elizabeth Gaskell, George Eliot e John Ruskin) já haviam absorvido e propagado em suas obras um ‘ethos Wordsworthiano’ formado pelo poeta das obras líricas e do *The Excursion*. “The Prelude”, portanto, “*simply appeared too late for it to become a shaping factor in their experience as the earlier poetry had been*”⁶¹ (GILL, 1991, p. 97). Acrescido a isso, há ainda o fato de que, à época em que o poema veio a lume, a obra de Wordsworth passava por um processo de reapreciação e reapresentação: numerosas edições de seus poemas competiam no mercado, nenhuma, entretanto, incluindo *The Prelude*, o qual permanecia protegido por direitos autorais, de modo que o ‘Wordsworth’ mais prontamente disponível para a maior parte do público leitor não era o autor do poema póstumo.

O fator mais importante, no entanto, na avaliação de Gill, diz respeito à mudança ocorrida na percepção do que constituía o cerne da realização de Wordsworth, especialmente como essa percepção foi expressa por Matthew Arnold em seu prefácio à seleção de poemas do autor que editara em 1879. Arnold é categórico em seu julgamento: “*The Excursion and the Prelude, his poems of greatest bulck, are by no means Wordsworth’s best work. His best work is in his shorter pieces*”⁶² (ARNOLD apud WORDSWORTH, 1922, p. 7). Como poeta e crítico vitoriano, Arnold partilha da voga literária cujo ideal é a ‘poesia pura’ ou ‘desinteressada’, prontamente suspeita de qualquer incursão ao terreno da filosofia, psicologia ou outros discursos que não o puramente poético, os quais, quando encontrados em uma obra literária, constituem “*a tissue of elevated but abstract verbiage, alien to the very*

⁶¹ “O *Prelúdio* simplesmente apareceu tarde demais para que se tornasse um fator formativo em suas experiências como a poesia anterior havia sido”.

⁶² “O *Excursão e o Prelúdio*, seus poemas de maior volume, não são de forma alguma as melhores obras de Wordsworth. Suas melhores obras são seus poemas curtos”.

*nature of poetry*⁶³ (p. 15). Assim, embora um ‘wordsworthiano’ como ele possa encontrar algum valor e deleite em qualquer composição do poeta, é necessário, caso se deseje apresentar a uma nova geração o que constitui a ‘essência’ de sua obra, preservar o ‘verdadeiro’ Wordsworth e excluir dele os elementos ‘heterogêneos’. E o que é o ‘verdadeiro’ Wordsworth, segundo Arnold, é, paradoxalmente, a ausência de ‘Wordsworth’:

Wordsworth's poetry, when he is at his best, is inevitable, as inevitable as Nature herself. It might seem that Nature not only gave him the matter for his poem, but wrote his poem for him. He has no style. He was too conversant with Milton not to catch at times his master's manner, and he has fine Miltonic lines; but he has no assured poetic style of his own, like Milton. When he seeks to have a style he falls into ponderosity and pomposity⁶⁴[...] Nature herself seems, I say, to take the pen out of his hand, and to write for him with her own bare, sheer, penetrating power. This arises from two causes; from the profound sincerity with which Wordsworth feels his subject, and also from the profoundly sincere and natural character of his subject itself. He can and will treat such a subject with nothing but the most plain, first-hand, almost austere naturalness. [...] Whenever we meet with the successful balance, in Wordsworth, of profound truth of subject with profound truth of execution, he is unique. His best poems are those which most perfectly exhibit this balance⁶⁵. (ARNOLD apud WORDSWORTH, 1922, p. 19-21)

⁶³ “Uma trama de elevada, mas abstrata verbosidade, alheia à própria natureza da poesia”.

⁶⁴ “A poesia de Wordsworth, no seu melhor, é inevitável, tão inevitável quanto a própria Natureza. Pode parecer que a Natureza não apenas deu a ele o tema para seu poema, mas escreveu seu poema para ele. Ele não tem estilo. Ele estava familiarizado demais com Milton para não captar, às vezes, o estilo de seu mestre, e ele tem bons versos miltônicos mas ele não tem um estilo poético próprio, como Milton. Quando busca ter um estilo, torna-se pesado e pomposo”.

⁶⁵ “A Natureza ela própria parece, digo, tomar a pena de sua mão e escrever para ele com seu próprio poder, cru, puro e penetrante. Isso tem duas causas; a profunda sinceridade com que Wordsworth sente seu tema, e também o caráter profundamente sincero e natural de seu próprio tema. Ele pode e irá tratar tal tema com nada menos que a mais franca, direta e quase austera naturalidade. [...] Quando quer que encontremos com o feliz equilíbrio, em Wordsworth, entre profunda verdade de tema e profunda verdade de execução, ele é ímpar. Seus melhores poemas são aqueles que mais perfeitamente exibem esse equilíbrio”.

Com tais julgamentos, foi sedimentada, no século XIX, a imagem de Wordsworth como um poeta objetivo, sem estilo, através do qual a Natureza se apresenta de forma simples e imediata. Uma vez cristalizado o legado de Wordsworth como o de uma poética factual e de inspiração impessoal, seu “*philosophical Poem, containing views of Man, Nature, and Society*”⁶⁶ (WORDSWORTH, 2006, p. 895) deveria ser posto de lado a fim de não macular essa imagem.

O *Prelúdio* teve de aguardar o novo século para receber uma apreciação mais justa e ser contado entre as grandes realizações de Wordsworth. A. C. Bradley, em um ensaio de 1909 (previamente parte de uma série de palestras proferidas em 1903), é o primeiro crítico a oferecer uma visão de Wordsworth mais familiar à percepção crítica moderna. Contrário a Arnold, que vê o poeta através do prisma exclusivo da lírica e da poética da simplicidade cotidiana, Bradley defende um Wordsworth do sublime e grandioso, afirmando que

*not a little of Wordsworth's poetry either approaches or actually enters the province of the sublime. His strongest natural inclination tended there. [...] This disposition is easily traced in the imaginative impressions of his childhood as he describes them in the Prelude*⁶⁷. (BRADLEY, 1963, p. 125-126)

Uma vez realinhado o foco da crítica para os aspectos sublimes da poesia de Wordsworth, uma nova apreciação do *Prelúdio* torna-se possível, na qual o poema aparece como o pivô central de sua obra e o coroamento de sua arte. Bradley, pela primeira vez, defende o aspecto ‘místico’, ‘visionário’ e ‘sublime’ da poesia de Wordsworth e, assim, é capaz de afirmar que “*the Prelude and the Excursion, though there are dull pages*

⁶⁶ “Poema filosófico, contendo visões sobre o Homem, Natureza e Sociedade”.

⁶⁷ “Não pouco da poesia de Wordsworth se aproxima ou de fato adentra a província do sublime. Sua inclinação natural mais forte tende para lá. [...] Essa inclinação é facilmente percebida nas impressões imaginativas de sua infância como ele as descreve no *Prelúdio*”.

in both, contain much of Wordsworth's best and most characteristic poetry⁶⁸" (BRADLEY, 1963, p. 128-129).

THE TEXTUAL HISTORY AND EARLY RECEPTION OF WILLIAM WORDSWORTH'S *THE PRELUDE*

ABSTRACT

The writing of *The Prelude* accompanied most of William Wordsworth's literary career. Although sketched in his youth, the poem only appeared to the public after the poet's death, in 1850. With the late publication however, the Romantic work was not well received by the Victorian readers. Only at the beginning of the 20th century, a reappraisal of the poem takes place and it moves to the center of the Wordsworthian canon. Considering these questions, in this essay we intended to trace the history of the composition of the *Prelude*, and to recover the picture of its early reception and the beginning of the critical turn in its appreciation.

KEYWORDS: The Prelude; William Wordsworth; textual history; reception; Romanticism.

LA HISTORIA TEXTUAL Y LA PRIMERA RECEPCIÓN DEL *PRELUDIO*, DE WILLIAM WORDSWORTH

RESUMEN

La elaboración de *El Preludio* siguió la mayor parte de la carrera literaria de William Wordsworth. Aunque esbozado en su juventud, el poema no se hizo público hasta después de la muerte del poeta en 1850. Sin embargo, con su publicación tardía, la obra romántica no fue bien recibida por los lectores victorianos. Sólo a principios del siglo XX se inicia una revalorización del poema que lo traslada al centro del canon wordsworthiano. Considerando estas cuestiones, en este artículo buscamos rastrear la historia de la composición del *Preludio* y recuperar el marco de su primera recepción y el principio del giro crítico en su apreciación.

PALABRAS CLAVE: El Preludio; William Wordsworth; historia textual; Mostrador; Romanticismo.

⁶⁸ "O *Prelúdio* e o *Excursão*, embora haja páginas tediosas em ambos, contém muito da melhor e mais característica poesia de Wordsworth".

REFERÊNCIAS

- BRADLEY, A. C. *Oxford Lectures on Poetry*. London: Macmillan & Co, 1963.
- COLERIDGE, S. T.; WORDSWORTH, W. *Lyrical Ballads*. A. R. Jones e R. L. Brett (Eds.). New York: Routledge, 2005.
- GILL, S. *William Wordsworth: the Prelude*. Cambridge: Cambridge University, 1991.
- GRAVIL, R.; HARVEY, W. J. (Eds.). *Wordsworth: The Prelude; a casebook*. New York: Macmillan, 1972.
- KEATS, J. *Selected Letters of John Keats*. Grant F. Scott (Ed.). Cambridge: Harvard University, 2002.
- ROBINSON, D. *Myself and Some Other Being: Wordsworth and the life writing*. Iowa: University of Iowa, 2014.
- WHEELER, H. *The Prelude Books I and II by William Wordsworth*. Houndmills: Macmillan Education, 1988.
- WORDSWORTH, W. *Selected Poems of William Wordsworth*. Harrison Ross Steeves (Ed.). New York: Harcourt, Brace and Company, 1922.
- _____. 'The Prelude'. In: _____. *The Collected Poems of William Wordsworth*. Ware, Hertfordshire: Wordsworth Editions, 2006.
- _____. *The Prelude, 1799, 1805, 1850*. WORDSWORTH, J.; ABRAMS, M. H.; GILL, S. (Eds.). New York: W. W. Norton & Company, 1979.
- _____. *The Prose Works of William Wordsworth*. W. J. B. Owen; Jane W. Smyser (Eds.). Tirril: Humanities-Ebooks, 2008.
- _____. *William Wordsworth*. Stephen Gill (Ed.). New York: Oxford University, 2010b.

Submetido em 29 de julho de 2022

Aceito em 02 de janeiro de 2023

Publicado em 28 de maio de 2023
